



**ESTAR
VIVO
ALEIJA**

Ricardo
Araújo Pereira

**ESTAR
VIVO
ALEIJA**

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

ÍNDICE

As crónicas reunidas neste volume foram originalmente publicadas no jornal Folha de S. Paulo entre Abril de 2017 e Agosto de 2018.

© 2018, Ricardo Araújo Pereira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Estar Vivo Aleija*
Autor: Ricardo Araújo Pereira
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

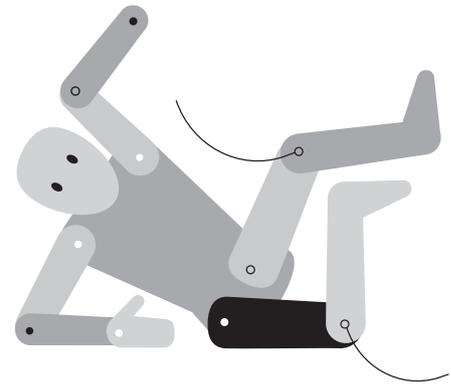
1.ª edição: Setembro de 2018

ISBN: 978-989-671-453-6
DEPÓSITO LEGAL n.º 444911/18

Estar vivo aleija	13
Eu, pecador, me congratulo	15
Ivanildo Fyodorovich Karamazov	17
Aquele momento	19
Morrer é chato	21
Sobre um sorriso	23
Fui ao mercado comprar silêncio	25
Por favor, desliguem os celulares	27
Htide Faip é o meu nome	29
Amor e batatas	31
Fraudes contemporâneas	33
Seja sério na brincadeira	35
Questionários de verão: um flagelo	37
Moscas: subsídios para um estudo	39
Falangetas pérfidas	41
O Rocinante e o BMW Z4: teste comparativo	43
Luta de classes vocabular	45
O beijo e a palavra beijo	47
Sobre cães e gatos	49
Por um amor moderno e higiénico	51
Estudos fazem mal à saúde	53
Curriculum vitæ	55
Escanção de silêncios	57
Desliga e liga de novo	59

Ter ou não ter	61
A boca dos ricos..	63
Há gente que é pessoa	65
Pare, ou eu narro.	67
Admirável mindset novo	69
Maus-tratos a livros	71
Natureza-morta com clipe e agrafo	73
O único animal que	75
Isso não é isso	77
Um complexo bastante complexo	79
A quadra da quadrilha.	81
Todos juntos agora	83
Chamaram-me um nome	85
Esta tem barbas	87
Literatura latrinária: um estudo	89
Vai clonar macacos	91
Quem quer uma vida uau	93
O raningue	95
Sambar como um idiota	97
Uma virtude mortal..	99
Mais BAIXO, por FAVOR	101
A Bela e o Monstro II.	103
Não compreendi mas gostei	105
Tolerância às intolerâncias	107
Vende-se: angústia.	109
Fuga para a imortalidade	111
Pleonasmos redundantes	113
A sentir-se controlado	115
Perigo: importantes lições de vida.	117
Coxinha, mortadela e brócolos	119

Fará sentido ser sueco?	121
Sabedoria de velório.	123
Partir parvamente o pão	125
É menino ou menina, doutor? É um projecto	127
Prometeu agrilhado ao GPS	129
Kierkegaard e o Candy Crush	131
A auto-ajuda autoprejudica-me	133
O belo horrível.	135
Influencers na minha cabeça	137
Algumas reflexões sobre chulé	139
Tempos ultramodernos	141
Demonstrar cientificamente a inutilidade da ciência.	143
Como reconhecer o fim do mundo	145
Fazer tempo	147
Cuidado com a língua	149



ESTAR VIVO ALEIJA

Eu não tenho nada para dizer ao público brasileiro, mas não vale a pena o público brasileiro começar a sentir-se especial porque a verdade é que eu não tenho nada para dizer a ninguém. Sei quase nada sobre quase tudo — circunstância que, felizmente, nunca impediu uma pessoa de escrever nos jornais. Por vezes, chega a ser requisito. Mas não adianta fingir que temos assunto de conversa. Se o público brasileiro e eu apanhássemos o mesmo elevador, a viagem ia ser daquelas embaraçosas. «Cá estamos», talvez dissesse eu. «É verdade», responderia o público brasileiro, olhando para o tecto. E o resto seria silêncio.

Os leitores brasileiros e eu temos apenas duas coisas em comum. Falamos a mesma língua (bom, mais ou menos) e estamos vivos, pelo que não me resta alternativa senão falar do único assunto que ambos dominamos: isto de estar vivo. O escritor português Manuel da Fonseca disse: «Isto de estar vivo ainda um dia acaba mal.» Levei a cabo algumas pesquisas e sinto-me muito inclinado a concordar. Por isso, todas as semanas escreverei aqui sobre a vida, esse caminho de dor, angústia e desespero que culmina na morte. Serão textos humorísticos.

Só há um problema: não sei grande coisa sobre a vida. Não li o manual de instruções. Há muitas funcionalidades que não uso, umas vezes por desconhecimento, outras por medo de estragar. No outro dia vi um tutorial do YouTube sobre descascar bananas e descobri que passei os últimos quarenta anos a

descascar bananas da maneira errada. É uma constatação aterradoradora. Uma pessoa pensa que, ao fim de quatro décadas neste planeta, sabe ao menos descascar uma banana. De repente, verifica que dedicou quase meio século a descascamentos contrários à lógica e à própria dignidade, e é inevitável que se dedique a calcular quantos outros falhanços terá acumulado na vida. É essa dolorosa contabilidade que prometo fazer aqui, semanalmente. Além disso, e para lisonjear o gosto do leitor brasileiro, de vez em quando vou fazer pouco de argentinos.

Uma última nota: por vezes, quando alguém se põe a pensar na vida, pode acontecer-lhe encontrar o seu verdadeiro eu. Não se preocupem: eu não corro esse risco. Uma vez encontrei o meu verdadeiro eu e não ficámos amigos. Agora atravesso para o outro passeio sempre que o vejo. Deus me livre de me dar com gente dessa. O meu verdadeiro eu é altivo, vaidoso e feio. Se falasse espanhol, podia ser argentino.

EU, PECADOR, ME CONGRATULO

Dizem que o poeta português António Botto ia pela rua de braço dado com um marujo, a caminho de casa. Fernando Pessoa cruzou-se com o casal e lastimou: «Ó António... Na Sexta-Feira Santa?» Botto justificou imediatamente: «Marinheiro é peixe.»

Uma vez que não existe pecado do lado de baixo do equador, talvez o público brasileiro não entenda todo o alcance desta história. Na qualidade de habitante do hemisfério norte, e velho apreciador de pecados, tenho todo o gosto em explicar aos meus irmãos o que o pecado é. Vamos examinar sobretudo os sete pecados mortais, assim chamados porque são, de facto, uma delícia. Tal como, após uma refeição, dizemos «esta sobremesa é de morrer», também destes pecados afirmamos que são mortais. Como o episódio relatado acima demonstra, pecar requer engenho para executar e imaginação para legitimar. Não é qualquer palerma que peca. É difícil pecar sem querer, ao passo que as virtudes podem ser involuntárias. Eu, por exemplo, passei toda a adolescência sendo casto, mas não por minha vontade.

Os teólogos, por vício de profissão, têm ignorado as vantagens do pecado, a maior das quais é esta: os pecados impedem de pecar. Indico o meu caso concreto: o meu pecado favorito é a luxúria. No entanto, não pratico tanto quanto gostaria porque também sou preguiçoso. Um pecado tem o efeito higiénico de

anular o outro. Uma pessoa muito vaidosa, que motivo tem para invejar os outros? Haverá maior antídoto para a preguiça do que a inquietação do ganancioso? Ao contrário, a virtude contém a semente do pecado. Tenho observado que quem ajuda uma pessoa em breve deseja ajudar outra, e outra, e outra ainda. Essa feia ganância caritativa é o resultado da vida virtuosa.

Há ainda outro problema que os doutores da igreja não ajudam a resolver: o pecador está frequentemente encurralado entre dois deveres contraditórios que o paralisam. Por um lado, dizem-lhe que o ócio é mau; por outro, o negócio (que, etimologicamente, significa «negação do ócio») também levanta problemas morais. O ser humano está, assim, condenado a pecar: seja pela preguiça ou pela ganância. A solução, como é evidente, é fazer negócios que não pareçam grandes negócios. Trata-se de movimentar o dinheiro, para espantar o ócio, mas tendo ao mesmo tempo a decência de, por pudor, declarar um valor menor, para esconjurar a ganância. Foi precisamente para isso que Deus inventou o saco azul.

IVANILDO FYODOROVICH KARAMAZOV

Ivanildo desconfiou logo que se encontrava numa paródia. Não tinha memória de existir antes de 21 de Abril de 2017 e agora estava ali, numa página da *Folha*, mesmo por cima das tiras de BD. Era uma paródia de certeza. E a intenção do autor, aliás, era clara: imaginar como seria um Ivan Karamazov brasileiro. Mas Ivanildo olhou para si mesmo, sentado numa esplanada de Ipanema, de calções e chinelo no dedo, e suspeitou de que aquela era uma paródia escrita por um daqueles estrangeiros para os quais o brasileiro é sempre um carioca — ou, mais precisamente, uma caricatura de carioca, uma espécie de malandro benigno que vive na praia, entre o surf, as raparigas e a cerveja. Ivanildo indignou-se: além de ser protagonista de uma paródia, era um clichê. Nesse momento, prometeu fazer tudo para contrariar o autor da paródia — que, segundo parecia, era um ignorante. Tinha um conhecimento muito rudimentar da personagem de Dostoiévski e estava apenas empenhado em demonstrar, para efeitos cômicos, que o Rio de Janeiro, aqui uma metonímia do Brasil, era incompatível com uma determinada forma de ser, atormentada por dúvidas sobre a existência de Deus, e pela dolorosa contemplação do cruel espectáculo do mundo.

Não, Ivanildo Karamazov não iria participar nessa farsa. Era um racionalista, e depositava uma confiança firme nas suas intuições *a priori*. Questionava a obra de Deus, recusava tomar parte

num mundo erigido sobre o sofrimento de inocentes, prometia remeter-se a um isolamento que tornasse clara a sua rejeição veemente dos outros, dos prazeres mundanos, da vida como ela estava organizada e... Nesse momento, passaram duas raparigas e sorriram para ele. Ivanildo olhou ao redor e constatou que ninguém estava a observá-lo, tirando os dois ou três leitores da *Folha* que tinham aguentado até ao último parágrafo. Por isso mesmo, não deviam ser pessoas de grande discernimento. Levantou-se e foi atrás das moças a caminho de Ipanema, com a prancha debaixo do braço. Sentiu algum desprezo por si próprio, por ceder à vontade do autor da paródia, mas passou-lhe depressa, porque entretanto já estava na praia, conversando com as garotas em clima de alegria, igualdade e respeito (Ivanildo tinha a sorte de não pertencer à geração de José Mayer), bebendo uma cerveja e vendo o sol a pôr-se atrás do morro Dois Irmãos.

AQUELE MOMENTO

Aquele momento em que tu percebes que toda a gente começa as frases com a expressão «aquele momento». Aquele momento em que esse simples facto se transforma numa evidência da tua velhice. Aquele momento em que tu desconfias de que és a única pessoa da História que nunca exprimiu as suas emoções por intermédio de uma bolinha amarela colocada no fim de um comentário. Aquele momento em que tu quase sentes vergonha de nunca ter fotografado comida. Aquele momento em que tu pensas que, se algum dia fotografaste comida, foi por engano, como daquela vez em que tiraste uma foto de um prado e, ao fundo, estava uma vaca. Aquele momento em que se torna claro que, apesar de tudo, tu és demasiado novo para seres tão reacionário. Aquele momento em que tu reparas que, aos quarenta e três anos, já resmungas como o teu avô, quando ele tinha noventa e um. Aquele momento em que parece que o mundo anda tão depressa que tu começaste a envelhecer em anos de cão, sete anos por cada um que passa sobre as pessoas que te rodeiam. Aquele momento em que tu não consegues evitar o pensamento de que o mundo está a sugerir, e de uma forma bem pouco subtil, que já não pertences aqui. Aquele momento em que realmente o mundo parece o dono da casa e tu és a visita inconveniente que ignora os bocejos do anfitrião e volta a encher o copo às três da manhã. Aquele momento em que todas as pessoas menores de vinte e cinco anos parecem seres humanos 2.0, enquanto tu és

uma versão beta que nunca serviu para muito e agora não serve para nada. Aquele momento em que tu recordas a famosa frase de abertura do livro do L. P. Hartley, que diz «O passado é um país estrangeiro: eles fazem as coisas de outra maneira lá», e pensas que não é bem assim, agora é o presente que é um país estrangeiro, e a vida toda decorre noutra língua, e tu não descarregas apps, não publicas posts no Instagram, não fazes swipe no Tinder, não colocas tweets no Twitter, e uma vez os teus amigos levaram-te a um brunch e tu vieste embora sem saber se tomaste pequeno-almoço a mais ou se almoçaste a menos. Aquele momento em que tu desistes e concluis que talvez fosse engraçado fazer um meme sobre isso, se ao menos soubesses exactamente o que um meme é, e como se faz.

MORRER É CHATO

É um poema de Roger McGough: «Todos os dias, / Eu penso sobre a morte. / Sobre doença, fome, / violência, terrorismo, guerra, / o fim do mundo. // Isso ajuda / a distrair-me dos problemas.» Tento fazer o mesmo exercício. Pensar na morte, sobretudo na minha, anima muito o meu dia. Tudo o que é bom acaba — e é provavelmente por isso que é bom, o que significa que a vida é melhor por causa da morte. Se o campeonato do mundo durasse para sempre, ninguém via. Também ninguém ganhava e, por isso, o povo não cantaria «Todo o mundo tenta, mas só o Brasil é penta». A propósito, anseio pela própria conquista, principalmente por razões linguísticas: tenho curiosidade de saber como a criatividade brasileira vai encontrar uma palavra que rime com hexa.

Talvez se possa argumentar, então, que se a ideia da morte acaba por ser simpática, o acto de morrer traz alguns aborrecimentos. A existência cessa, e isso é inevitável. O que verdadeiramente me enfada é o facto de a morte ser meio foleira. Todos os meus amigos sabem que, enquanto vivo, eu nunca me deitaria num leito de cetim com rendas. Mas é lá que me vão pôr, quando eu morrer. Estarei rodeado de uma circunspecção que sempre rejeitei em vida, e essa é a verdadeira derrota — uma que eu não merecia. Haverá silêncio, respeito, consideração. Que raiva. «Eu, solene? Nem morto», fui dizendo muitas vezes. E, afinal, serei obrigado a quebrar a promessa.

Outro dia, um casal cruzou-se comigo na rua. De repente, o homem caiu: estava a ter um enfarte. A mulher puxava a roupa dele e gritava: «Jorge! Não, Jorge! Não! Não me faças isto, Jorge!» A multidão condeu-se com o desespero dela; eu, que não gosto que gritem comigo, simpatizei com o homem. O meu principal talento é descortinar desumanidade em declarações aparentemente humanas. Por exemplo: quando, nos filmes, o bandido aponta uma arma e a vítima implora: «Por favor, não dispare. Eu tenho família.» Toda a gente chora a sorte da vítima; eu deploro a sua crueldade. O que aquelas palavras significam é: «Escuta, porque é que você não vai antes matar um órfão? A mim não, pois tenho família. Procure alguém que, por estar completamente sozinho no mundo, não possua um argumento atendível para evitar que você lhe dê um tiro.» É bárbaro — tanto quanto repreender um moribundo, como se ele estivesse a ofender-nos pessoalmente com a sua caprichosa morte. Por isso, eu aproximei-me do homem e contrapus: «Vai, Jorge. Se queres ir, vai. Ela fica bem, Jorge. Talvez fique triste durante um mês, dois, no máximo, mas depois o tempo cicatriza a ferida e ela volta a rir, quem sabe até casa outra vez. Podes ir descansado, Jorge.» Creio que fiz o meu dever. Pelo menos foi esse pensamento que me reconfortou, enquanto fugia da viúva e da multidão.



ESTAR VIVO ALEIJA

foi composto em caracteres Hoefler Text e
Barbera, e impresso pela Guide, Artes Gráficas
sobre papel Coral Book de 90 gramas,
no mês de Setembro de 2018.